

A sustentabilidade sob o ponto de vista do conceito de agenciamento

Camila Kahlau*

Rafael Henrique Holzbach**

Décio Estevão do Nascimento***

Resumo

A temática central deste artigo diz respeito a aspectos relacionados à sustentabilidade. Como objetivo geral, almeja-se relacionar estes aspectos com o conceito de agenciamento. Aproximar sustentabilidade do conceito de agenciamento implica, sobretudo, na percepção das significações e determinações que permeiam o enunciado de sustentabilidade. As quais, frequentemente, impedem a autonomia do território em criar seu próprio entendimento, e conseqüente construção, da sustentabilidade. A pesquisa, classificada como aplicada e exploratória, faz uso de levantamento bibliográfico, para a coleta dos dados, e de técnicas de análise qualitativa, derivadas do método de análise de conteúdo, para o processamento dos dados coletados. Após análise das possíveis relações entre sustentabilidade e agenciamento, tem-se como principal resultado o de se buscar compreender como um grupo social pode sair do muro das significações sustentáveis, como trair as determinações que enquadram e qualificam determinado grupo e território como sustentável, para, dessa forma, criar o seu próprio território sustentável.

Palavras-chave: Agenciamento. Território. Sustentabilidade.

Abstract

The main theme of this paper addresses aspects of sustainability. As an essential goal, it is pursued to identify some of these aspects in relation to the concept of arrangement. Approaching sustainability and arrangements involves the perception of meanings and determinations that underlie the enunciation of sustainability, which often reduces territorial autonomy to create its own understanding, and consequent construction of sustainability. The applied and exploratory research, uses literature in order to collect data, in addition to qualitative analysis techniques derived of the content analysis method, which are applied to process the collected data. The analysis of the possible relation between sustainability and arrangement returned mainly the looking for understanding how a social group can overpass the sustainable meanings wall, such as betraying the determinations that qualify a certain group and territory as sustainable, in order to create its own sustainable territory.

Key-words: Arrangements. Territory. Sustainability.

* Mestranda em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Email: camilakahlau@yahoo.com.br

** Mestre em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Email: rafaelholzbach@gmail.com

*** Professor Doutor do Departamento de Pós-graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Email: decioen@gmail.com.

Os autores agradecem a colaboração e leitura crítica do professor Paulo Vieira Neto, cujas contribuições foram muito importantes para a realização deste trabalho.

1. Introdução

As considerações de Deleuze podem contribuir com diferentes campos e áreas de estudo, como a arquitetura, geografia, pedagogia, música, cinema ou simplesmente, como cita Foucault em “Introdução à vida não-fascista¹”, a atitude ética-política implicada no anti-Édipo torna-se um estilo de vida. Sobre estilo de vida, é possível também ser sustentável. Mas o que é a sustentabilidade, e qual a possível contribuição de Deleuze para essa temática? O capítulo introdutório, que segue adiante tentará mostrar que antes mesmo de entrar em conceitos como agenciamento² e território, é possível perceber um alinhamento natural de Deleuze à temática da sustentabilidade.

Inicialmente, a aproximação que se pode fazer, não trata especificamente de agenciamento, mas de que esse entendimento foi sendo construído basicamente pela observação e admiração de simples exemplos da natureza. Sabe-se que o entendimento de questões acerca da sustentabilidade já ultrapassa a dimensão³ ambiental, mas o fato é que nada, nem nenhuma outra dimensão (econômica, social, cultural, espacial) pode se desenvolver sem aspectos ambientais - embora a recíproca aqui, não seja verdadeira. Portanto, sem misticismos, faz-se permitido reverenciar a natureza, pelo menos como horizonte inevitável da cultura.

Pode-se dizer que Deleuze era fascinado pelo comportamento dos animais, questionava o posicionamento humano equivocado frente ao meio ambiente e, por essas e outras razões, dedicou grande parte de seus estudos à teoria da expressividade não humana. Teoria que usa para advertir que o homem não deve perder o controle da sua alteridade⁴, tornando-se demasiado preocupado com o que é humano. Estar obcecado pelo mundo humano é o que acontece quando um homem, por exemplo, perde a capacidade de se sentir afetado pelas montanhas (DELANDA, 2007).

Quando Deleuze convida um olhar à natureza, são eleitos exemplos simples, e os animais filosóficos para ele, podem ser o piolho, o carrapato e a aranha. O carrapato, por exemplo, cego e surdo, tem apenas três possibilidades de afetos com o meio. A *luz* afeta o carrapato que se iça até a ponta de um ramo. O *odor* de um mamífero é seu segundo afeto que o faz saltar imediatamente em sua direção. Os *pêlos* do mamífero que lhe incomodam, são seu terceiro afeto, que o fazem procurar um lugar onde, livre dos pêlos, possa se enfiar sob a pele e sugar o sangue quente. O que o carrapato espera a sua vida inteira, é por esses três afetos, essas possibilidades de encontros (DELEUZE; PARNET, 1998).

Essa simples observação do comportamento do carrapato, possibilita uma enxurrada de reflexões que permitem iniciar o emaranhado entre agenciamento e sustentabilidade. O carrapato representa um corpo, corpo que, para Deleuze é o pensamento-ação, é o humano, é a terra, é a escrita. Os corpos “não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49). Os indivíduos, as coisas, os animais se afetam, uns aos outros, à medida que a relação que constitui cada um forma um grau de potência, um poder de ser afetado. Dessa forma, o que constitui os corpos são

¹ Prefácio do livro “Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia” de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

² Agenciamento é um dos conceitos construído por Gilles Deleuze em parceria com Félix Guattari.

³ Alguns autores, como Sachs (1993), orientam a análise do desenvolvimento sustentável por meio de dimensões, também chamadas de perspectivas. Estas variam de acordo com os enfoques desenvolvimentistas, mas no geral são atribuídas ao desenvolvimento sustentável as dimensões: ambiental, social, cultural, espacial e econômica (SACHS, 1993).

⁴ O termo sugere a construção da subjetividade pela relação com o outro.

as relações, os devires, as potências, e os órgãos e as funções estão à mercê dos afetos dos quais se é capaz⁵.

Deleuze sugere que não é possível definir um animal enquanto não for feita a lista de seus afetos. Substitui-se animal por território. Qual a lista dos afetos de um território? Quais são seus devires? O carrapato é um animal dito simples, mas o homem e o território possuem inúmeras possibilidades de afetos, quais são eles? “Tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49). Além de listar os afetos e perceber seus sinais, é preciso também atentar-se aos resultados dos encontros, como alertam os autores, há o bom e o mau encontro. Os afetos tratam-se, portanto, de devires que são capazes de enfraquecer, quando reduzem a potência de agir e decompõe as relações, ou capazes de fortalecer, quando aumentam a potência de agir e provocam vastidão e superação.

O conceito de sustentabilidade, quando aplicado a modelos de desenvolvimento, pressupõe um desenvolvimento que preconiza a harmonização entre os objetivos sociais e econômicos, com uma gestão ecologicamente prudente dos recursos e ambiente (SACHS, 1993). Poderia dizer então que, visto o cenário global de redução da potência de ação ambiental e social, a sustentabilidade seria o resultado de bons encontros entre o homem e o meio, afetos que aumentariam a potência de ação do território. De certa forma, é o que listam os documentos e debates que tratam da temática. No entanto, já são passados quase 50 anos desde o princípio das reflexões que propuseram o modelo de desenvolvimento sustentável, e pouco ou quase nada se alterou. Incoerentemente, o meio ambiente continua sofrendo alterações forçadas em sua biodiversidade, o meio social continua apresentando altos níveis de desigualdades, miséria e mortalidades, e a sustentabilidade anda servindo como rótulos estratégicos para a promoção do setor público e aumento da lucratividade do setor privado.

A perspectiva de agenciamento criada por Deleuze e Guattari e apresentada ao longo deste artigo pretende possuir as credenciais para debater parte desta incoerência, sendo assim, o objetivo do presente trabalho é discutir determinados aspectos de sustentabilidade sob o ponto de vista do conceito de agenciamento. A metodologia é apresentada no capítulo seguinte, os resultados e a discussão são tratados no terceiro capítulo com suas respectivas seções, sendo o artigo finalizado no quarto capítulo com as considerações finais.

2. Metodologia

Quanto a sua natureza, a pesquisa se caracteriza como aplicada. Segundo Gil (2010), pesquisas aplicadas são “voltadas à aquisição de conhecimento com vistas à aplicação numa situação específica” (GIL, 2010, p. 26-27). Esta definição se encaixa na finalidade desta pesquisa, que busca a aquisição de conhecimentos sobre o conceito de agenciamento e suas possibilidades de aplicações no tema sustentabilidade. Quanto aos seus objetivos específicos, a pesquisa se caracteriza como exploratória. A pesquisa exploratória, “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2010, p. 27-28). Neste estudo, busca-se uma maior familiaridade

⁵ Os sinais, por sua vez, são tudo aquilo que desencadeia um afeto, aquilo que vem efetuar o poder de ser afetado, para o carrapato o sol nascendo, o mamífero se aproximando, os pêlos se afastando e desnudando a pele, são os sinais dos encontros (DELEUZE; PARNET, 1998).

sobre possíveis relações entre o tema sustentabilidade e o de agenciamento segundo as contribuições de Deleuze.

Para a análise do material selecionado e tratamento dos dados coletados, foram empregados diferentes técnicas com foco predominante na análise qualitativa. Assim e seguindo as orientações de Gil (2010), algumas fontes foram fichadas e outras apenas realizadas anotações, que subsidiaram a construção lógica das ideias principais exploradas nesta pesquisa. Também foram utilizadas algumas técnicas do método de análise de conteúdo, como a análise temática e de enunciação, dado as possibilidades sistemáticas que estas oferecem para suportar a análise qualitativa. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser definida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44).

Orientados então por estes aspectos metodológicos, conformados pelo campo argumentativo definido para esta pesquisa e tomados como base as contribuições de Deleuze⁶ sobre o conceito de agenciamento, no próximo capítulo são apresentados alguns dos resultados alcançados.

3. Resultados e discussão

Neste capítulo são apresentados os resultados alcançados por meio da pesquisa bibliográfica realizada, juntamente com algumas reflexões e possíveis diálogos entre sustentabilidade e agenciamento. Na primeira seção o tema sustentabilidade é abordado por meio de um breve detalhamento sobre o seu estado da arte e da prática. O tema agenciamento é retratado na segunda seção juntamente com seu item específico de território, e para encerrar, na terceira seção são apresentadas reflexões e possibilidades de diálogos entre os dois temas centrais abordados no capítulo.

3.1 Sustentabilidade

A origem do termo sustentável e seus termos correlatos, como sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, não pode ser facilmente identificada ou apontada com segurança por meio de pesquisa bibliográfica. No entanto, alguns autores pesquisados, como Staub (2008) e Van Bellen (2002), evidenciam que entre as décadas de 60 a 80, diversos desastres ambientais e sociais com repercussão mundial, provocaram reflexões sobre as fragilidades e consequências resultantes dos modelos de desenvolvimento perseguidos até então. Entre os grandes desastres ocorridos, os mesmos autores citam para exemplificar, casos como o derramamento de mercúrio na baía de Minamata, no Japão em 1956, o naufrágio do petroleiro Torrey Canyon no sul da Inglaterra em 1967, o vazamento de gases letais em Bhopal na Índia em 1984, o acidente na usina nuclear de Chernobyl na

⁶ Apesar de conceitos como agenciamento e desterritorialização, abordados neste artigo, serem frutos de uma parceria entre Deleuze e Guattari, para a pesquisa, delimitou-se a utilização de fontes exclusivas a Gilles Deleuze.

Ucrânia (antiga União Soviética) em 1986 e também o naufrágio do petroleiro Exxon Valdez no sul do Alasca em 1989 (VAN BELLEN, 2002; STAUB, 2008).

Fruto então destas reflexões e também de outras motivações, como o próprio sentimento de preservação da espécie humana e das condições que dão possibilidades à vida, emergiram diferentes publicações e mobilizações de vários atores da sociedade que contribuíram para melhorar o entendimento sobre os modelos de desenvolvimento e para o surgimento dos termos correlacionados à sustentável (BARONI, 1992; VAN BELLEN, 2002; LOUETTE, 2008).

Dentre os exemplos de publicações e mobilizações passíveis de serem citados, cabe destacar o estudo de Carson (1962), intitulado Primavera Silenciosa, e de Nader (1965), com o título *Unsafe At Any Limit*. Já entre os organismos e entidades internacionais, é possível citar o relatório conhecido como *Limites Do Crescimento*, publicado em 1972 pelo denominado Clube de Roma (MEADOWS, 1973), a publicação da União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais (IUCN) de 1980, intitulada *World Conservation Strategy* e o documento chamado *Nosso Futuro Comum*, conhecido como *Relatório de Brundtland*, publicado em 1983 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED) (BARONI, 1992; VAN BELLEN, 2002).

Ainda que outros autores como Boff (2012) e Diamond (2007) sinalizem em seus estudos que a preocupação com questões relacionadas à sustentabilidade já existiam em outras sociedades e em civilizações anteriores, é neste resumo resgate histórico de acontecimentos e mobilizações de atores e publicações que o termo sustentabilidade começa a ser empregado com maior frequência. De acordo com a etimologia consultada, sustentabilidade e sustentável provem do latim *sustentabile* e *sustentare*, que significam auxiliar, conservar, manter, perpetuar, entre outros sentidos do mesmo campo semântico (PRIBERAM, 2013; FERREIRA, 2009). Já de acordo com os dicionários consultados, sustentabilidade é definida como a qualidade ou condição do que é sustentável, que por sua vez, é definido como o que se pode sustentar, defender, ou que tem condições para se manter ou conservar por longo período (PRIBERAM, 2013; FERREIRA, 2009).

Na bibliografia pesquisada, o termo sustentabilidade aparece inicialmente vinculado aos sistemas ambientais e ao entendimento das condições de conservação destes, como evidenciam publicações de instituições já citadas como a IUCN ou de autoras como Baroni (1922) e outras disponíveis. Sequencialmente, o mesmo termo vem sendo vinculado aos sistemas humanos e seus diferentes modelos de desenvolvimento, agregando além da perspectiva ambiental e entre outras, a social, econômica, cultural e a perspectiva espacial geográfica (SACHS, 1993).

Para exemplificar e também criar as condições de definições básicas para operacionalização deste estudo, cabe citar a contribuição de Boff (2012). Tomando como direcionador outros resultados como a publicação conhecida como Carta da Terra (ORGANIZAÇÃO..., 2000) e a teoria sistêmica de Gaia, de Lovelock (1979), o autor propõe que a sustentabilidade fundamentalmente significa:

[...] o conjunto dos processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões. (BOFF, 2012, p. 14).

Por fim, apesar da teoria, o que se observa na prática é o aumento das exigências da sociedade, relacionadas ao tema sustentabilidade (STRUMINSKI, 2006), ao mesmo tempo em que continuam e crescem os impactos e desastres ambientais e sociais. Novos acidentes como o vazamento de petróleo no Golfo do México, em 2010, que superou outros similares já ocorridos (VAZAMENTO..., 2010), poderiam ser incluídos aos já citados nesta seção para evidenciar esta continuidade e crescimento, dentre tanto outros possíveis exemplos locais. Ou ainda, conforme lembra Van Bellen (2002), as consequências esporádicas e localizadas de desastres como os citados, são relativamente menores que os danos e consequências acumuladas ao longo da história.

3.2 Agenciamento

Como bem expressa Gomes (2008), fruto de um pensar peculiar e característico, as considerações realizadas por Deleuze, carregam-se da impressão de que tudo parece estar relacionado com tudo. Dessa forma, é impossível tratar agenciamento sem território, territorialização, desterritorialização, elementos heterogêneos, exterioridade, desejo, entre outros entendimentos que vão sendo convidados a dialogar com ele. Impossível também esgotar suas possibilidades de abordagem numa seção como esta, para tanto, foram eleitos aqueles entendimentos que mais se aproximam da proposta deste artigo. Agenciamento será, portanto, pincelado para suportar os diálogos com sustentabilidade, tema da seção seguinte.

Pincelando algumas notas necessárias do conceito de agenciamento:

- Os agenciamentos constroem os enunciados;
- Os agenciamentos estão ligados a condições de heterogeneidade, sendo o processo que coloca em relação elementos heterogêneos;
- O agenciamento é cofuncionamento, simpatia, simbiose;
- Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e exterior;
- Todo agenciamento é coletivo, formado por vários fluxos que arrastam pessoas, coisas, signos que só se dividem ou se juntam em multiplicidades;
- O agenciamento permite realizar coisas novas.

O termo agenciamento vem de *agencement* em francês, que traz a ideia da combinação de elementos heterogêneos cuidadosamente ajustados entre si (GOMES, 2008). Nesse sentido, para uma primeira aproximação, agenciamento supõe a conexão de um conjunto de relações materiais com um regime de signos correspondentes. “O difícil é fazer com que todos os elementos de um conjunto não homogêneo conspiram, fazê-los funcionar juntos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.43). Isso porque, as combinações de um conjunto heterogêneo têm a possibilidade de se comportar de diversas maneiras, dependendo da sua configuração.

Os agenciamentos podem ser orientados pelos eixos vertical e horizontal. O eixo vertical, que será melhor detalhado no item seguinte, apresenta lados territoriais (ou reterritorializados) que estabilizam o agenciamento, bem como, pontas de

desterritorialização que o impelem. Ao longo desse eixo, acontecem os processos que estabilizam/consolidam e desestabilizam/dissolvem a identidade dos agenciamentos (GOMES, 2008). O eixo horizontal, por sua vez, possui também dois segmentos, o primeiro de conteúdo e o segundo de expressão:

- **Agenciamento maquínico de corpos** – de ações e de paixões, pelo qual os corpos (humanos, animais, cósmicos) se penetram, se misturam, se transmitem afetos, reagindo uns sobre os outros. Diz respeito a um estado de mistura e relações entre os corpos em uma sociedade.
- **Agenciamento coletivo de enunciação** – de atos e de enunciados, transformações incorpóreas que são atribuídas aos corpos formando regimes de enunciados. Os signos se organizam de uma nova maneira, novas formulações aparecem, um novo estilo para novos gestos⁷.

Cabe ressaltar que a esses eixos não recai uma estrutura hierárquica ou relação dicotômica, ocorre entre eles um movimento recíproco, de relação pela qual um percorre o outro. Os agenciamentos coletivos de enunciação, por exemplo, estabelecem atributos aos corpos de forma a recortá-los, ressaltá-los e/ou precipitá-los. Sendo nesse movimento contínuo de relação entre os agenciamentos, que um território se constrói. Além disso, como tudo está relacionado com tudo, o pensar em território ou em agenciamento, clama por um pensar em desejo. Desejar para Deleuze (1988), não significa buscar um objeto (um carro, uma viagem, uma mulher), renuncia-se ao par sujeito-objeto para criar um entendimento de desejo como construtivo, produtivo. Nunca se deseja algo isolado, ao contrário, sempre se deseja um todo, em um conjunto. Uma mulher que deseja um vestido, por exemplo, não o deseja sozinho, mas organiza seu desejo em relação com, paisagens, pessoas, encontros. Dessa forma, não há desejo que não corra para um agenciamento, entre suas quatro dimensões dos eixos vertical e horizontal, desejar é, principalmente, construir um agenciamento, um conjunto, uma região, um território (DELEUZE, 1988).

3.2.1 Território

Como já adiantado na introdução deste artigo, território se traduz mais por sua lista de afetos, de devires, que por suas características espaciais. Território é antes de suas características, um devir, uma potência, um campo do ter, que se vale de um movimento por meio do qual se sai dele (DELEUZE, 1988). Por isso, território surge como produto de uma territorialização, que carrega movimentos de desterritorialização e processos de reterritorialização.

Os elementos heterogêneos que compõem um agenciamento se sustentam conjuntamente por uma constância, que em determinado momento toma consistência. A consistência é nada mais que a consolidação. O território é, portanto, um consolidado de meio, espaço-tempo, coexistência e sucessão (GOMES, 2008). Por maior que seja a estabilidade do território, ele é acima de tudo um ato de territorialização que sofre mudanças continuadas. A territorialização é “[...] o processo – que pode ocupar várias escalas espaço-temporais – pelo qual os sistemas materiais se organizam em torno de um atrator específico”

⁷ Cabe lembrar que os enunciados não são ideologias, são peças e engrenagens num agenciamento. Neles não há sujeito, mas agentes coletivos, e falam sobre estados maquínicos e não sobre objetos.

(GOMES, 2008). Dessa forma, o agenciamento depende das relações entre os elementos heterogêneos que podem torná-lo mais ou menos estável, homogêneo, territorializado.

Deleuze (1988) explica que, para a filosofia, às vezes é preciso uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova aqui, é a de que não existe território sem um vetor de saída dele mesmo e não há saída do território, ou seja, desterritorialização sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. Neste caso, a desterritorialização é um conceito filosófico, criado também por Deleuze e Guattari que sugere um movimento que

[...] libera uma pura matéria, ela desfaz os códigos, carrega as expressões e os conteúdos, os estados de coisas e os enunciados, sobre uma linha de fuga em ziguezague, quebrada, ela eleva o tempo ao infinitivo, extrai um devir que já não tem termo, porque cada termo é um parada que é preciso saltar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 59).

Se a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território e se desterritorializam agenciamentos, a reterritorialização é o processo pelo qual novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação são formados. Há uma nítida indissociabilidade entre os dois, algo só se desterritorializa para buscar se reterritorializar em outro lugar⁸. Ressalta-se que aquilo que retorna a uma territorialidade prévia ou primitiva não pode ser considerado como processo de reterritorialização, pois o mesmo prevê “[...] um conjunto de artifícios pelos quais um elemento (desterritorializado) serve de nova territorialidade a outro (que também perdeu a sua)”(GOMES, 2008). Sobretudo, o território é onde acontecem dois grandes efeitos: a reorganização de funções e o reagrupamento de forças. E é por aí, por essas marcas territorializantes que organizam funções e reagrupam forças, que o território tem a possibilidade de desencadear a desterritorialização (GOMES, 2008).

Esses entendimentos compartilhados por Deleuze reforçam a visão, mesmo amadurecida por meio de outros caminhos, de autores que se dedicaram à temática território e constataram-no como um espaço fugidio da neutralidade. Segundo Candiotto (2010), autores como Raffestin, Souza, Haesbaert e Saquet afirmam que território ultrapassa uma delimitação física, justamente por incluir relações de poder e, portanto, corresponder a uma combinação da dimensão material com a simbólica.

Por fim, para Gomes (2008), uma das principais contribuições de Deleuze é a noção do devir que possibilita perceber um mundo em constante movimento, no qual uma estrutura encontrará, quando muito e possível, uma meta-estabilidade, que difere de fixidez.

3.3 Diálogos entre sustentabilidade e agenciamento

Sucintamente, a partir da contribuição de Boff (2012) citado na primeira seção deste capítulo, o conceito sustentabilidade amadureceu para a manutenção daqueles elementos pelos quais as formas de vida existentes tenham a possibilidade de continuar existindo, reproduzindo e realizando suas potencialidades. Sugere um enunciado. E é por aqui, que os possíveis diálogos entre os temas sustentabilidade e agenciamento começam, tratando a

⁸ Importante salientar que Deleuze alerta para a possibilidade de fracassar algumas tentativas de reterritorialização, perigos que ele chama de linhas suicidárias, as linhas de fuga que não deram certo.

sustentabilidade como um enunciado criado por agenciamentos. Para Deleuze, os enunciados não são frutos de um só sujeito, justamente por serem produtos de um agenciamento que carrega multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos, populações (DELEUZE; PARNET, 1998). A partir dessa aproximação, já é possível inferir que o enunciado “sustentabilidade”, fruto de agenciamentos distintos, trata de dinamicidade, uma vez que, assume valores diferenciados se consideradas as variáveis de tempo, espaço, atores e até mesmo as possíveis combinações com, por exemplo, consumo, produção, desenvolvimento⁹.

Posto isso, é oportuno avançar para: sustentabilidade de que, para quem, para quando, onde? Deleuze alerta que é preciso perceber os agenciamentos e, sobretudo, os enunciados que são formados a partir dos agenciamentos, pois podem estar sufocados por imagens que esmagam o pensamento. Imagens, neste caso, são as organizações que adestram o pensamento para se promoverem como normas de um poder ou de uma ordem estabelecida. (DELEUZE; PARNET, 1998). Para tanto, se existe o desejo de aliar o desenvolvimento de empresas, comunidades, cidades aos preceitos da sustentabilidade, antes de buscar novas tecnologias que possibilitem, por exemplo, uma reorganização da problemática produção/consumo, algumas questões ainda precisam ser colocadas a partir do alerta que Deleuze faz sobre a formação dos enunciados. Quem toma as decisões? Como se tomam as decisões? As estruturas verticais, pelas quais uma maioria dotada de poder, toma as decisões que concernem a todos, não atendem aos anseios de uma sociedade que busca pela sustentabilidade. Pelo caráter decisório pouco participativo, pela repercussão e abrangência dessas decisões e pela pouca multiplicidade que carrega.

“O que o Brasileiro pensa do Meio Ambiente e do Consumo Sustentável” trata-se do relatório divulgado pelo Ministério do Meio Ambiente, que apresenta resultados de uma pesquisa realizada em 2012 para, de forma geral, mapear as percepções da população brasileira sobre as questões ambientais. Uma das informações contidas no relatório, é que apenas 47% dos entrevistados têm conhecimento do conceito de desenvolvimento sustentável. E mesmo essa parcela que se diz conhecedora do conceito, atribui a ele direcionamentos relacionados, exclusivamente, à dimensão ambiental (MINISTÉRIO..., 2012). Cabe lembrar que, conforme citado na seção sobre sustentabilidade, ao termo desenvolvimento sustentável são agregadas por alguns autores além da perspectiva ambiental, a social, econômica, cultural e espacial. Soma-se o fato que sua aparição tem início basicamente na década de 1980 a partir da publicação “World Conservation Strategy” da União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais, sendo reforçado e consagrado em 1992, pela ECO-92, conferência sobre meio ambiente que aconteceu no Rio de Janeiro, Brasil.

Esse contexto pode pressupor que a jornada é demasiada longa no que tange à conscientização nacional das questões de sustentabilidade, mas por outra via, pode também pressupor que a sociedade civil já vem, de alguma forma íntima e específica ao seu viver, praticando bons encontros com o meio ambiente, no entanto, reconhecendo-os por outro tipo de enunciado. Significa, contudo, dizer que “sustentabilidade” e “desenvolvimento sustentável” tratam-se de enunciados formados a partir das relações entre atores políticos, acadêmicos, empresariais em conjuntura muitas vezes internacionais, e a falta do conhecimento de tais enunciados pela grande maioria da sociedade, não infere que a

⁹ “Desenvolvimento Sustentável” refere-se ao termo utilizado em políticas nacionais que visam aliar, sucintamente, proteção ambiental, com aspectos sociais e econômicos. Já “Produção e Consumo Sustentável” refere-se ao termo utilizado pelo Ministério do Meio Ambiente para designar ações em busca de novas formas de produzir e consumir com responsabilidade social e ambiental. Ressalta-se que a ênfase dessas possíveis combinações com sustentabilidade, recaem sobre diferentes pontos.

mesma não é capaz de agir sobre aspectos de sustentabilidade, ela só não foi convidada a agenciar em prol de sua construção.

Dando sequência a essa reflexão que aproxima sustentabilidade ao enunciado produzido por determinados agenciamentos, Struminski (2006), ao se propor analisar os discursos sobre a sustentabilidade, utiliza-se da análise discursiva proposta por Foucault, que considera a existência de poder político, social, econômico e institucional nas práticas discursivas. Ao longo de sua pesquisa, Struminski defende a tese de que a sustentabilidade representa um processo longo de aperfeiçoamento das relações entre sociedade e natureza, a qual ainda não pode ser considerada como um discurso consolidado de forma institucional no Brasil, uma vez que, as doutrinas que influenciaram estas relações não possuem todos os requisitos necessários para estimular, isoladamente, ou em conjunto, a sustentabilidade. O autor alerta para a necessidade de um processo dialético para que o país avance nesta temática (STRUMINSKI, 2006).

Sobre a fragilidade de abrangência do termo sustentabilidade, Souza (2000, p.70) defende que o desenvolvimento urbano sustentável é uma “[...] mistura de ecocentrismo e acriticismo perante a essência do modelo social capitalista [...]” e por isto, segundo o autor, permite análises e propostas superficiais às questões de pobreza e dos conflitos sociais. Corroborando com essa perspectiva, CandiOTTO (2007) aponta que documentos como o Relatório de Brundtland além de não questionarem a sociedade capitalista, orientam ações para os governos nacionais e institucionais, [...] evitando o tratamento destas questões no interior de cada território nacional (CANDIOTTO, 2007, p. 176). Ademais, os princípios da sustentabilidade foram banalizados quando, a partir da década de 1980, o setor empresarial se apropriou do conceito para propor que o mercado poderia ser o propulsor do desenvolvimento sustentável. Proposta incoerente, pois mesmo as áreas vinculadas ao meio ambiente como biotecnologia e turismo, objetivam o lucro, relacionando suas ações mais ao marketing ecológico, do que à busca efetiva da sustentabilidade (CANDIOTTO, 2007). Diante disso, o autor discorda que

[...] seja necessário defender a sustentabilidade de forma incondicional, pois existem interesses implícitos dos atores hegemônicos do capital nas premissas oficiais do desenvolvimento sustentável, que devem ser relativizados no debate (CANDIOTTO, 2007, p. 178).

Para tentar sair desse dilema onde não se sabe para quem se falam os enunciados, correndo o risco do pensamento ser aprisionado em normas e ordens estabelecidas, Deleuze convida a falar *com*, escrever *com*, ao contrário de se deixar a falar por, ou no lugar de. “Ser uma pulga de mar, que ora salta e vê toda a praia, ora permanece com o nariz enfiado sobre um único grão” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 61). Para eles, os pensamentos não devem se fechar sobre a reconhecimento, mas se abrir a encontros e se definir sempre em função de um de fora, se definir no movimento de aprender e não no resultado de saber, não conferindo a ninguém, a poder algum, o cuidado de colocar questões ou criar problemas (DELEUZE; PARNET, 1998). Chega, portanto, um momento em que é necessário partilhar, colocar-se em sintonia com a situação, pois uma das maneiras para se decodificar, é por meio da partilha, fora de qualquer lei, contrato e instituição, criando movimentos de desterritorialização sobre *linhas de fuga*¹⁰.

Agenciar com Deleuze é, sobretudo, um convite ao experimento. Experimentar a cada momento, um novo agenciamento de ideias, de relações e de circunstâncias. Como bem

¹⁰ Cabe ressaltar que Deleuze alerta para que *linhas de fuga* não sejam confundidas com um movimento de fugir da vida, porque para sair é preciso permanecer dentro, partilhar, problematizar.

coloca Ulpiano (1988), para se produzir um mundo novo, é preciso correr o risco do pensamento, daquele pensamento apontado como livre das significações, das normas e ordens estabelecidas. Que permite ao homem dos hábitos, formado pelas forças constituintes de marcas e sinais, abrir um buraco no conjunto desses hábitos para fazer passar uma força de estranhamento (ULPIANO, 1988). Estranhar, problematizar, partilhar, buscar linhas de fuga que, por meio delas, se produza algo real, se crie vida.

Em entrevista, Deleuze (1988) conta que conseguiu sair da filosofia pela filosofia, agenciando com grupos sociais, por vezes, distantes do seu contexto diário de encontros, mas, próximos dos conceitos que criou. Segundo ele, as linhas de fuga deveriam caminhar nessa direção, à partilha da situação, à inserção no contexto, para, a partir dele, dele sair. O convite deste artigo é, portanto, partilhar dos entendimentos até então amadurecidos de sustentabilidade, para por meio deles, sair de todo enunciado que não seja coerente com a realidade de um grupo social, de um território. Assim como Deleuze conseguiu sair da filosofia pela filosofia, é possível sair da sustentabilidade pela sustentabilidade. Buscando compreender como um grupo social pode sair do muro das significações sustentáveis, como *trair* as determinações que enquadram e qualificam determinado grupo e território como sustentável, para, dessa forma, criar o seu próprio território sustentável.

4. Considerações Finais

Conforme apresentado na seção anterior, sobre resultados e discussão, o olhar para a sustentabilidade sob o ponto de vista do conceito de agenciamento descortina inúmeras possibilidades e contribuições. Assim, as considerações de Deleuze, além de contribuir com os diferentes campos e áreas de estudo citados no início deste artigo, podem se estender também para a melhor compreensão das questões relacionadas à sustentabilidade e ao desenvolvimento de territórios.

De maneira condensada, foi possível identificar o conceito de sustentabilidade como produto de agenciamentos, apresentando, principalmente, características de dinamicidade e multiplicidade. A sustentabilidade, portanto, configura-se de acordo com as combinações entre os elementos heterogêneos que a compõem, carrega enunciados que podem ou não estar marcados por significações e determinações que limitam o caráter autônomo de um território em abordar seus próprios aspectos de sustentabilidade, e carece de multiplicidade para convidar movimentos de partilha, problematização em busca de práticas sustentáveis.

Para além dos resultados obtidos por esta pesquisa, durante o estudo visualizaram-se mais possibilidades de alinhamento entre os dois temas, evidenciado talvez, pela já citada aproximação natural de Deleuze com aspectos da dimensão ambiental da sustentabilidade. Dessa forma, as contribuições do filósofo podem ser continuamente exploradas, a fim de auxiliar à territorialização dos diversos aspectos já associados ao tema, e consequente estímulo da potência de ação do território, potência de ação dos sistemas sociais e ambientais.

Referências

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARONI, Margaret. Ambiguidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 14-24, 1992. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590-S0034-75901992000200003.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é e o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDIOTTO, Luciano Z. P. **Turismo rural na agricultura familiar: uma abordagem geográfica do Circuito Italiano de Turismo Rural, município de Colombo - PR**. Tese. (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2007. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0323-T.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

_____. **Circuito Italiano de turismo rural Colombo – PR: gênese, desenvolvimento e implicações socioespaciais**. Cascavel: Edunioeste, 2010.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. Lisboa: Pórtico, 1962.

DELANDA, Manuel. **The philosophy of Gilles Deleuze**. [s.l.]: The European graduate school, 2007. 5 vídeos (47 min). Disponível em: <<http://www.egs.edu/faculty/manuel-de-landa/videos/the-philosophy-of-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 14 out. 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

_____, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. [s.l.]: [s.n.], 1988. 1 vídeos (160 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bkvqrta5mnw>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Pedro M. S. **As noções Deleuzo-Guattarianas de Território e Agenciamento a partir de 1837 – A Lengalenga**. Lisboa: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/352591/As_nocoas_deleuzo-guattarianas_de_territorio_e_agenciamento_a_partir_de_1837_-_a_lengalenga_>. Acesso em: 10 jan. 2013.

LOVELOCK, James E. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na terra**. Lisboa: Edições 70, 1995.

LOUETTE, Anne (Org.). **Gestão do conhecimento**: compêndio para a sustentabilidade: ferramentas de gestão de responsabilidade socioambiental. São Paulo: Antakarana cultura, arte e ciência, 2008.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável**. Rio de Janeiro: Publit, 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/responsabilidade-socioambiental/category/90-producao-e-consumo-sustentaveis?download=874:o-que-o-brasileiro-pensa-do-meio-ambiente-e-do-consumo-sustentavel-mulheres-e-tendencias-atuais-e-mulheres-e-tendencias-atuais-e-futuras-do-consumo-no-brasil-futuras-do-consumo-no-brasil>>. Acesso em: 02 mai. 2013

MEADOWS, Donella H.. **Limites do crescimento**: um relatório para o projeto do clube de Roma sobre o dilema da humanidade. São Paulo: Perspectiva, 1973.

NADER, Ralph. **Unsafe at any limit**. New York: Grossman, 1965.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **A Carta da Terra**. [s.l.]: [s.n], [2000]. Disponível em: <<http://www.earthcharterinaction.org/content/pages/Downloads%20For%2001%20The%20Earth%20Charter%20Text>>. Acesso em: 21 mai. 2011.

PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 02 mai. 2013.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**: Desenvolvimento e meio ambiente. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

SOUZA, Marcelo L. **O planejamento e a gestão das cidades em uma perspectiva autonomista**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº 8, p. 67-100, jan/jun, 2000. Disponível em : <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/08_4_MarcLopes.pdf>. Acesso em : 23 jan. 2013.

STAUB, Ana A. Pimenta. **Critérios essenciais de sustentabilidade para elaboração de estratégias de desenvolvimento sustentável**: uma análise de estratégia negocial de desenvolvimento regional sustentável do Banco do Brasil. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.btdt.ucb.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=897>. Acesso em: 12 out. 2012.

STRUMINSKI, Edson. **Os discursos sobre a sustentabilidade**: No Brasil e na região metropolitana de Curitiba, de 1500 aos dias atuais. Tese (Doutorado em Meio ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/sociologia/artigos/edson.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2013.

ULPIANO, Cláudio. **Pensamento e liberdade em Espinoza**. [s.l.]: Centro de Estudos Claudio Ulpiano, 1988. 1 vídeo (110 min). Disponível em: http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?page_id=567. Acesso em: 09 ago. 2012.

VAN BELLEN, Hans Michael. **Indicadores de sustentabilidade**: uma análise comparativa. 2002. 220f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEPS2761.pdf>. Acesso em: 02 out. 2012.

VAZAMENTO de óleo. Correio Braziliense. Brasília, 31 mai. 2010. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2010/05/31/interna_mundo,195293/index.shtml. Acesso em: 22 nov. 2012.